

A LUDOTERAPIA COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO NO LUTO INFANTIL : UMA REVISÃO DA PRÁTICA TERAPÊUTICA E SEUS EFEITOS

PLAY THERAPY AS AN INTERVENTION STRATEGY IN CHILDHOOD GRIEF: A REVIEW OF THERAPEUTIC PRACTICE AND ITS EFFECTS.

Joyce Kelly Vicente Da Silva¹
Dra. Marcela Ribeiro Pacheco Paiva²

RESUMO: A vivência do luto durante a infância é um processo que sofre bastante influência pelo modo como os demais familiares também o vivenciam. Nesse cenário, a ludoterapia delinea-se como uma estratégia de intervenção fundamental e significativa, mantendo uma comunicação por meio do simbólico e lúdico. O uso de materiais lúdicos é fundamental para promover um desenvolvimento psíquico e criativo sadio. Elas aprimoram a habilidade de interagir socialmente e servem como ferramentas essenciais para processar a dor, resolver conflitos internos, lidar com experiências de perda e dar sentido simbólico a vivências traumáticas. Isso posto, o presente estudo consiste na investigação da aplicabilidade e da eficácia da ludoterapia no contexto específico do luto infantil, com ênfase nas necessidades de elaboração das crianças pertencentes à segunda e terceira infância. Portanto, mesmo que a compreensão do luto na infância difira da perspectiva adulta, a criança é plenamente capaz de vivenciar a perda. Nesse contexto, a ludoterapia se mostra um recurso fundamental para a simbolização e a elaboração do sofrimento, prevenindo o surgimento de sintomas e adoecimentos decorrentes da falta de acolhimento e comunicação aberta.

Palavras - Chave: Luto, Infância, Família e Ludoterapia.

ABSTRACT: The experience of grief during childhood is a process greatly influenced by how other family members experience it. In this context, play therapy emerges as a fundamental and significant intervention strategy, maintaining communication through symbolism and play. The use of playful resources contributes to healthy creative and psychological development, aids in socialization skills, and helps in processing suffering, conflicts, losses, and the symbolization of traumatic events. Therefore, this study investigates the applicability and effectiveness of play therapy in the specific context of childhood grief, with an emphasis on the processing needs of children in middle and late childhood. Even though the understanding of grief in childhood differs from the adult perspective, children are fully capable of experiencing loss. In this context, play therapy proves to be a fundamental resource for symbolizing and processing suffering, preventing the emergence of symptoms and illnesses resulting from a lack of support and open communication.

¹ Discente do curso de Psicologia do centro universitário Salesiano - (joycevicenteoficialgmail.com)

² Docente do curso de Psicologia do centro universitário Salesiano - (marcela.paiva@salesiano.com)

Keywords: Grief, Infancy, Family and Play therapy.

1 INTRODUÇÃO

A vivência do luto durante a infância configura-se como um processo, marcado por uma complexidade de sentimentos intensos e, muitas vezes, de difícil expressão. Nesse cenário a ludoterapia delinea-se como uma estratégia de intervenção significativa, por empregar o ato de brincar como instrumento terapêutico central no acesso, da expressão e ressignificação das vivências emocionais inerentes à perda. Posto que a brincadeira representa a linguagem natural e primária da criança, este recurso metodológico possibilita uma compreensão acolhedora e um acompanhamento mais profundo dos impactos da perda. Tal método favorece a elaboração psíquica do luto e a subsequente construção de novos sentidos para a experiência da dor. Diante do exposto, o presente estudo visa investigar como a ludoterapia pode ser aplicada no contexto específico do luto infantil, com particular ênfase nas necessidades e nos processos de elaboração das crianças pertencentes à segunda e terceira infância. (OLIVEIRA et al., 2020, p.41122)

O interesse central por esta pesquisa reside na urgência de aprofundar a compreensão sobre a maneira como as crianças vivenciam a morte, o processo pelo qual atribuem significado ao luto e os mecanismos que desenvolvem para lidar com a ausência de uma figura significativa. A questão que orienta este estudo é: Como as crianças experienciam o luto e de que forma a ludoterapia pode auxiliá-las no processo de ressignificação dessa vivência ? A reflexão sobre esta problemática direciona, assim, a presente investigação para o objetivo geral de compreender a contribuição da ludoterapia para a elaboração emocional do luto infantil, explorando as vias pelas quais as crianças atribuem sentido às suas perdas.

Em termos mais específicos, o presente estudo visa desdobrar-se em quatro eixos principais: compreender a vivência da criança enlutada e o significado da perda de alguém querido em seu mundo simbólico; analisar a eficácia da ludoterapia na ressignificação dessa experiência, possibilitando o equilíbrio emocional; refletir sobre o papel do terapeuta como mediador no processo de elaboração do luto infantil facilitado pelo brincar; e, por fim, revisar e sintetizar as produções científicas e os relatos clínicos existentes que abordam a aplicação da ludoterapia nesse contexto.

Parte-se da hipótese de que a ludoterapia fornece um espaço seguro onde a criança manifesta, pelo brincar, sentimentos complexos, tais como a tristeza, raiva, medo, saudade e confusão, que frequentemente não são expressos verbalmente. O brincar simbólico atua, assim, como um facilitador para que essas emoções sejam elaboradas de forma saudável e adaptativa, auxiliando na compreensão da perda. A atuação do terapeuta, ao conduzir esse processo, é crucial para fortalecer o vínculo terapêutico e criar condições para que a criança desenvolva recursos internos e estratégias emocionais para lidar com a ausência. Contudo, é fundamental reconhecer que os resultados da ludoterapia no luto estão intrinsecamente ligados a fatores singulares - como o vínculo com a pessoa falecida, a rede de apoio familiar e

o contexto sociocultural - o que sublinha a necessidade de considerar a individualidade em cada acompanhamento clínico. (REIS; SARTORI, 2024)

A relevância desta pesquisa fundamenta-se na premissa de que a ludoterapia constitui uma prática essencial no cuidado psicológico infantil, pois o brincar não só potencializa o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, mas também atua na promoção da saúde mental em cenários de perda. Conforme Marcelino e Bueno (2023), estudos na área apontam que a atividade lúdica facilita a escuta terapêutica, a elaboração do sofrimento e a ressignificação da perda, estabelecendo-se como um recurso fundamental no atendimento clínico à criança enlutada. Além de oportunizar uma escuta sensível e respeitosa ao ritmo singular da infância, a revisão da literatura sobre essa prática contribui para o aprimoramento da atuação profissional e fortalece a adoção de abordagens clínicas mais empáticas e eficazes no contexto da psicologia contemporânea.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CERIMÔNIAS FÚNEBRES NA CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DA HUMANIDADE

Conforme Souza e Souza (2019), os cerimoniais de despedida constituem práticas profundamente arraigadas na história humana, evidenciadas por descobertas arqueológicas que atestam o tratamento ritualístico dos falecidos, sugerindo que o reconhecimento da finitude sempre foi intrínseco às interações sociais. Nesse sentido, o ritual de despedida diante da morte não apenas simboliza o término da vida, mas funciona como um mecanismo psicossocial essencial, fornecendo uma estrutura para o processamento emocional da perda e a atribuição de sentido às experiências de luto, tanto no nível individual quanto no comunitário.

Souza e Souza (2019) salientam que as cerimônias fúnebres desempenham um papel fundamental tanto na estrutura social quanto no bem-estar emocional, pois contribuem para a representação simbólica das mudanças advindas da perda de entes queridos. Eles enfatizam que estas práticas podem atuar como medidas preventivas contra complicações do luto, como o luto prolongado, adiado ou o desenvolvimento de transtornos psicológicos. O modo como uma comunidade conduz seus rituais fúnebres revela aspectos significativos de sua orientação simbólica e emocional perante a finitude.

Em última análise, é destacado ainda pelos autores, que cuidar do corpo sem vida tem um valor simbólico significativo não só em mostrar respeito ao falecido mas também como uma forma de lidar com as emoções. Segundo os autores, a necessidade de marcar e aceitar a perda está intimamente ligada ao conceito de ritos de passagem descritos por Gennep (1978, apud SOUZA & SOUZA, 2019, p.4) que são fundamentais para a transição entre diferentes estados da vida.

A cultura exerce forte influência sobre a vivência do luto, manifestando-se em variações que vão desde a promoção da expressão intensa da tristeza até a valorização da contenção e discrição, o que leva a criança a modular suas reações emocionais ao que é socialmente aceito. Essa variabilidade reforça que "a

experiência da perda é moldada por uma série de fatores, incluindo o contexto familiar, cultural, social, espiritual e religioso " (WALSH; MCGOLDRICK, 1998, p.57). Tal cenário exige do terapeuta uma sensibilidade intercultural crucial para evitar a patologização de reações esperadas em determinado contexto, buscando, assim, compreender os significados e propósitos dos rituais funerários a fim de embasar abordagens terapêuticas que apoiem o enlutado de maneira ética e compassiva.

O estudo de Kovács (2005) destaca uma contradição social significativa: apesar da mortalidade ser amplamente e invasivamente divulgada pela mídia - em notícias de violência, acidentes e doenças -, há um crescente afastamento das preocupações ligadas à finitude humana. A autora ressalta que, mesmo diante da persistente presença da morte no cotidiano, prevalece " um manto de silêncio pairando sobre o assunto ", o que estabelece uma dificuldade geral em discutir ou refletir sobre ele. Este paradoxo evidencia uma recusa social a mortalidade que impacta diretamente a maneira como as pessoas, e conseqüentemente as famílias e as crianças, lidam com o pesar e os momentos de sofrimento causados pelas perdas

Na convivência em sociedade ocorrem momentos de transição que implicam em mudanças de identidade social, papéis desempenhados e status. Conforme Genep (1978, apud SOUZA & SOUZA, 2019, p.4) argumentou, essas mudanças são simbolicamente organizadas por meio dos rituais conhecidos como ritos de passagem, que se dividem em três etapas distintas: os ritos de separação demarcam o afastamento do estado anterior; os ritos de transição colocam o indivíduo numa posição determinada, além do seu papel habitual; por fim os ritos de incorporação facilitam a reintegração do indivíduo num novo estatuto social. Os rituais desempenham um papel crucial em momentos como nascimentos, casamentos e falecimentos; contudo nos funerais predominam os ritos de despedida. Essas práticas simbolizam socialmente a validação da perda, atribuem significado à ausência e auxiliam na reorganização psicológica dos enlutados.

Portanto, o cerimonial funciona como uma forma de transição psicológica e social, ajudando o enlutado a dar novo significado à sua experiência e a reintegrar-se gradualmente à rotina diária. Ao oferecer uma estrutura culturalmente reconhecida previsível, os rituais ajudam na elaboração emocional do luto, promovem um senso de pertencimento, e encorajam a expressão pública da tristeza. assinalam a passagem entre o estar presente e o estar ausente entre o elo físico encerrado e a presença simbólica na memória (GENNEP, 1978, apud SOUZA & SOUZA, 2019, p.4).

2.2 SOFRIMENTO INFANTIL NO DECORRER DA HISTÓRIA: UMA PERSPECTIVA EVOLUTIVA

A compreensão do sofrimento infantil está intimamente relacionada ao modo como a infância foi concebida ao longo da história. Até o fim da Idade Média conforme indicado por Ariès (1981), não se tinha uma ideia bem definida da infância. As crianças eram consideradas "mini adultos" e isso dificultava a criação de um espaço social próprio para elas, o que contribuiu para a escassez de registros específicos sobre sua dor. Já autores como Heywood (2004) argumentam que não se tratava da inexistência do sentimento de infância, mas dá pouca importância social atribuída às

crianças, o que dificultava a valorização de suas experiências emocionais. Ainda que o sofrimento estivesse presente, não era reconhecido nem documentado.

De acordo com Moraes (2011) percebe-se uma lacuna na literatura histórica quando se trata de compreender claramente como as crianças lidavam com experiências de dor e perda no passado. Isso sugere que a subjetividade infantil foi largamente ignorada ao longo da história. Tornando difícil compreender as formas de expressão na infância e como ocorriam as manifestações do sofrimento infantil devido à falta de documentação e investigação sobre suas vivências nas fontes antigas. Isso não significa que as crianças do passado não tenham passado por dificuldades; pelo contrário — suas emoções eram frequentemente ignoradas ou subestimadas no contexto social e científico daquela época. Portanto, é fundamental reconhecer que a escassez de registros não significa ausência de sofrimento, mas sim uma evidência de uma construção cultural que historicamente negligenciou o bem-estar das crianças, suprimindo as suas expressões emocionais.

Entre os séculos XVI e XIX ocorreu um processo gradual de valorização da infância devido ao aumento da expectativa de vida e à redução das taxas de mortalidade. Durante esse período histórico ocorreu uma idealização da criança como fonte de felicidade e inspiração para os adultos; no entanto, paradoxalmente também passou a ser submetida a uma vigilância rigorosa e controle apertado. Segundo Müller (2007), é possível que alguns fatores causadores do sofrimento foram manifestados através de punições físicas severas, onde crianças disciplinarmente eram inseridas precocemente no mercado de trabalho principalmente nas camadas mais desfavorecidas socialmente. No Brasil, além disso, de acordo com Ramos (2004) as crianças indígenas e escravas enfrentam experiências traumáticas, incluindo abusos, separações familiares impostas e uma educação imposta pelos colonos. Apesar de alguma evolução de pensamento, como observado nas obras de filósofos, a visão da infância ainda era frequentemente atingida por um sentimento de inferioridade e submissão .

O século XX marcou uma mudança significativa na abordagem do sofrimento infantil ao tornar a criança o centro das políticas públicas e da pesquisa científica - embora dentro de um contexto normativo restritivo. Nesse cenário surgem abordagens de psicoterapia externas para atender à demanda social por prevenção de comportamentos desviantes; influenciadas pelo movimento higienista quanto pela ideologia eugênica (MORAIS, 2011, p.32). A psicologia infantil que se dava início naquele período estava a priorizar avaliações psicológicas e disciplinas corretivas sem concentrar seu olhar no sofrimento das crianças.(MORAIS, 2011, p.35) É somente no final do século XX e começo do século XXI que surge um novo ponto de vista importante: considerar as crianças como detentoras de direitos fundamentais que devem ser respeitados em sua totalidade. (PINHEIRO, 2006; apud MORAIS, 2011, p.37)

Conforme Moraes (2011), essa transformação influencia fortemente o campo da psicologia clínica contemporânea ao enfatizar a importância de que esse reconhecimento é essencial para validar o sofrimento infantil, que habitualmente foi ignorado ao longo da história, permitindo que ele seja compreendido em toda a sua complexidade. Isso implica considerar a criança como protagonista de suas próprias

emoções, com sua experiência emocional sendo tratada com respeito, ouvindo-a atentamente de maneira ética para romper com visões antigas que a desmerecem ou subestimam sua capacidade de sentir.

2.3 PANORAMA DAS PRINCIPAIS ABORDAGENS PSICOLÓGICAS NO LUTO INFANTIL

Para fins de contextualização e antes de se aprofundar no foco do desenvolvimento cognitivo, é crucial mencionar que o luto infantil é estudado sob diversas abordagens teóricas, sendo a perspectiva psicanalítica uma delas. Nesta visão, o luto da criança é compreendido a partir do universo das fantasias, que atuam como forma simbólica pela qual ela processa suas vivências internas diante da perda. Segundo Freud (1917[1915], *apud* FRANCO; MAZORRA, 2007), o luto é um trabalho psíquico que requer a retirada gradual do investimento libidinal do objeto perdido, permitindo que esse vínculo seja posteriormente ressignificado e transformado em novas ligações afetivas. Nesse processo, as fantasias desempenham papel fundamental, pois revelam desejos inconscientes, sentimentos de culpa, raiva, abandono ou identificação com o objeto perdido, influenciando tanto a elaboração saudável quanto a complicação do luto (FRANCO; MAZORRA, 2007).

No entendimento psicanalítico apresentado por Rossi e Fernandes (2025), a elaboração do luto infantil depende fundamentalmente da possibilidade de inserir a perda em uma rede simbólica que permita à criança significar aquilo que lhe aconteceu. Nesse processo, a fantasia exerce papel central, pois, como destacam Laplanche e Pontalis (2001), trata-se de “um roteiro imaginário do qual o sujeito faz parte, representando a realização de um desejo deformado pelos processos defensivos”. Assim, quando a criança é deixada no desconhecimento da perda - seja pela recusa dos adultos em abordarem a morte ou pela interdição de sua participação nos rituais - cria-se uma situação semelhante à melancolia, na qual o sofrimento não encontra significado. O brincar torna-se, então, uma via privilegiada de expressão das fantasias mobilizadas pela perda, permitindo que a experiência seja traduzida simbolicamente e integrada aos processos de elaboração psíquica.

Na perspectiva gestáltica, o luto infantil é compreendido como um processo relacional, singular e contínuo que rompe a segurança interna da criança e exige a criação de novos ajustamentos criativos para que o mundo interno seja reorganizado. Nessa travessia, a presença de um “outro-suporte” é essencial para que a criança percorra seus ciclos de contato e encontre recursos para elaborar a perda (BIANCHI et al., 2019).

Conforme Camps (2019), é na qualidade desses vínculos que a criança organiza sua autorregulação, fortalece seu autossuporte e consolida sua capacidade de atravessar os ciclos de contato com segurança. Nesse contexto, o brincar assume papel central no acompanhamento clínico, pois constitui um meio expressivo através do qual a criança pode comunicar necessidades, simbolizar vivências difíceis e elaborar rupturas emocionais. Borstmann, Breunig e Macedo (2018) destacam que o espaço lúdico funciona como via privilegiada para acessar o mundo interno da criança, permitindo que ela dramatize conflitos, reelabore experiências de perda e desenvolva ajustamentos criativos. A disponibilidade sensível do terapeuta em

acolher o brincar, acompanhar seus movimentos e intervir com delicadeza quando necessário possibilita que a criança se sinta segura, compreendida e livre para atualizar modos mais saudáveis de se relacionar consigo e com o ambiente. Assim, a ludoterapia, integrada à perspectiva gestáltica, favorece a expressão espontânea, o fortalecimento do self e a ampliação dos recursos criativos que sustentam o desenvolvimento emocional da criança ao longo de suas vivências de dor, crescimento e reorganização.

Segundo Silva et. al (2022), a Terapia Cognitivo-Comportamental compreende o luto infantil como um processo que envolve reorganização cognitiva, emocional e comportamental diante da perda, considerando que a criança ainda está desenvolvendo recursos para compreender e expressar suas vivências. A TCC destaca que o sofrimento pode gerar pensamentos distorcidos, emoções intensas e comportamentos desadaptativos, e que o manejo terapêutico deve focar na identificação desses padrões, no reconhecimento das emoções e na construção de interpretações mais realistas e funcionais sobre a morte. O artigo enfatiza a importância de adaptar a intervenção ao nível desenvolvimental da criança, utilizando uma linguagem lúdica que permita acesso às emoções e pensamentos de forma compreensível e segura. Também ressalta que o vínculo terapêutico, a comunicação clara e a validação das emoções são fundamentais para favorecer a elaboração do luto, ao lado de técnicas estruturadas da TCC — como psicoeducação, reestruturação cognitiva, resolução de problemas e estratégias de enfrentamento — que auxiliam na ressignificação da experiência da perda e no fortalecimento de habilidades de adaptação.

2.4 IMPACTOS DA PERDA E DO LUTO NA SAÚDE MENTAL INFANTIL

O luto na infância representa um processo complexo que demanda acolhimento e ferramentas de elaboração apropriadas, uma vez que a desorganização familiar e as vulnerabilidades emocionais consequentes da perda podem gerar marcas profundas no desenvolvimento psicossocial da criança. Um exemplo trágico desse impacto foi marcado pela crise sanitária da COVID-19 no Brasil, que resultou em uma mortalidade significativa em faixas etárias economicamente ativas, intensificando o luto nas famílias. Estudos epidemiológicos rigorosos estimaram que, entre 2020 e 2021, aproximadamente 40.830 crianças e adolescentes (menores de 18 anos) perderam suas mães no país (SZWARCOWALD et al., 2022), uma estatística alarmante que revela a dimensão do trauma e da desestruturação familiar causados no contexto de perdas massivas.

Conforme apontado por Szwarcwald et al. (2022, p.7), “A morte de um dos pais, [...] tem consequências graves para o bem-estar da família, afetando profundamente a estrutura e a dinâmica familiar “. A experiência de outras epidemias históricas demonstra que crianças órfãs se tornam particularmente vulneráveis a problemas emocionais e comportamentais, o que sublinha a necessidade urgente de programas de intervenção para mitigar as consequências psicológicas da perda parental. O luto, frequentemente súbito e ocorrido em um ambiente de incerteza e isolamento social, torna-se mais complexo e solitário. Adicionalmente, a desigualdade social agravou este cenário, visto que as maiores taxas de mortalidade incidiram sobre populações de menor escolaridade e maior

vulnerabilidade (Szwarcwald et al., 2022). O luto na infância, neste contexto, carrega uma carga de abandono e desigualdade que exige uma resposta terapêutica excepcionalmente sensível e estruturada.

Ao se encontrar dificuldade de superação em situações de perda a criança pode apresentar comportamentos negativos para o seu desenvolvimento emocional e psicológico. Essas manifestações podem, por vezes, se traduzir em mudanças comportamentais mais intensificadas como choro prolongado e frequente birras; além disso isolamento social e queda no rendimento escolar; também são observados distúrbios de sono e apatia, juntamente com sintomas físicos, como dores de cabeça e perda de apetite (PEREIRA; AMARAL, 2004). Na esfera emocional infantil são comuns vivências que envolvem confusão internamente sentida e manifestações como raiva intensificada pelos medos do abandono e da culpa associada à tristeza. Também é notável a tendência a reações exacerbadas diante de situações temporárias que envolvem separação (SOARES; MAUTONI, 2013).

No campo cognitivo infantil é destacado a influência significativa dos pensamentos desfavoráveis no surgimento do Transtorno Prolongado de Luto em Crianças (TPL), um quadro que intensifica o sofrimento e afeta sua capacidade de lidar com a perda. Com o objetivo de avaliar essa situação foi desenvolvido o Questionário de Cognição sobre Luto para Crianças que ressalta a importância desses pensamentos negativos na vivência do luto na infância e adolescência (SPUIJ et al., 2017)

Pesquisas também apontam que o luto na infância, especialmente pela perda de um dos pais ou de um irmão, representa um risco significativo para o desenvolvimento emocional e a saúde mental da criança. Evidências científicas apontam que a perda de entes queridos pode aumentar em até 25% a incidência de problemas de saúde mental, com os sintomas tendendo a se intensificar no segundo ano após o ocorrido (STIKKELBROEK et al., 2016).

Essa realidade sublinha a urgência de "disciplinas precoces", que se traduzem na implementação de intervenções preventivas e de apoio. Tais medidas devem focar na criação de redes de apoio seguras – envolvendo a família, a escola e a comunidade – e no incentivo à comunicação aberta e honesta sobre a perda, garantindo que a criança não se sinta isolada ou incompreendida. O suporte precoce é vital, pois a ausência de um irmão, por exemplo, pode aumentar a vulnerabilidade a distúrbios psiquiátricos na vida adulta, em especial em contextos familiares mais frágeis, e manifestar dificuldades sociais mais acentuadas em meninos enlutados (KLINGER et al., 2021, p. 44960). Sem o acompanhamento adequado, o processo de luto pode se tornar traumático, associando-se ao desenvolvimento de quadros mais graves, como transtorno de estresse pós-traumático e depressão (KLINGER et al., 2021, p. 44960).

Conforme Bowlby (2004/1985 apud KLINGER et al., 2021, p. 44960), crianças refugiadas e órfãs podem ter uma inclinação maior de apresentar problemas psiquiátricos graves como pensamentos suicidas e afetos excessivos além de sintomas depressivos e transtornos relacionados à angústia e agressividade exacerbada. Horowitz (et al., 2003, apud KLINGER et al., 2021, p. 44960),

identificou esses quadros como diferentes formas de luto complicado incluindo o luto específico, tardio exagerado e mascarado - todos com sinais que dificultam o processo adequado do luto sendo modificado.

A compreensão da morte pela criança é profundamente influenciada pelo estágio de desenvolvimento cognitivo em que ela se encontra. Para compreender melhor essa influência é indispensável analisar o seu desenvolvimento sob a lente de Jean Piaget, conforme descrito por Papalia e Martorell (2022). O pensamento pré-operatório é acompanhado por avanços cognitivos assim como aspectos imaturos, tais como, egocentrismo e centração.

O egocentrismo impede que a criança compreenda a morte sob a perspectiva adulta, enquanto a centração faz com que ela se foque em apenas um aspecto da situação. Consequentemente, a criança não possui a capacidade lógica de entender a irreversibilidade (que a vida não retorna), ou que a morte acontece com todos, ou que o corpo para de funcionar. Em vez de um evento final, a morte é tipicamente vista como uma separação provisória, comparada a uma viagem ou a um sono prolongado. (PAPALIA; MARTORELL, 2022)

Essa dificuldade cognitiva inerente à fase de desenvolvimento interage com o universo psicossocial, culminando em um quadro de vulnerabilidade emocional acentuada. O pensamento pré-operatório, frequentemente caracterizado pelo pensamento mágico, pode induzir a criança a crença de que seus pensamentos ou desejos tiveram o poder de causar o falecimento, gerando uma intensa e destrutiva culpa associada à perda. Ademais, a dor profunda manifesta-se comumente por meio de regressões comportamentais - como o retorno a enurese ou a intensificação de birras - em uma busca inconsciente pela segurança de estágios anteriores de desenvolvimento. Torna-se imperativo, portanto, que os adultos e cuidadores ofereçam explicações que respeitem a linguagem e a fase cognitiva da criança, ancorando a verdade em termos concretos para desfazer as fantasias destrutivas de culpa e abandono (PAPALIA; MARTORELL, 2022)

A terceira infância (entre 7 e 11 anos), comumente referida como idade escolar, assinala uma evolução significativa no desenvolvimento cognitivo, pois corresponde ao estágio das operações concretas de Jean Piaget (PAPALIA; MARTORELL, 2022). Neste período, a criança supera as limitações do pensamento pré-operatório, abandonando o egocentrismo e o pensamento mágico em prol de uma lógica mais coerente e flexível. Ela adquire a capacidade de realizar operações mentais, o que lhe permite raciocinar e solucionar problemas de forma abstrata e reversível (PAPALIA; MARTORELL, 2022).

Esta nova capacidade cognitiva impacta diretamente a forma como o luto é vivenciado. Agora, a criança é capaz de compreender os aspectos cruciais da morte de maneira realista e definitiva. Ela entende a irreversibilidade (a pessoa não voltará a viver). O conceito de morte se torna menos fantasioso e mais abstrato, porém, a aceitação dessa finalidade não alivia a dor, mas a torna mais intensa e consciente (PAPALIA; MARTORELL, 2022). O desafio, nesta fase, não é mais o de entender "o que" aconteceu, mas de como lidar com a dor real e o vazio permanente.

A recusa em aceitar a realidade da perda, conforme pontuado por Kovács (1992 *apud* MARCELINO et al., 2022, p.8), tem o potencial de impedir que a criança siga as etapas naturais do luto, comprometendo seu ajuste emocional. Além disso, a maneira como os adultos processam suas próprias emoções diante da perda é um fator crucial, pois a criança tende a espelhar suas reações com base nesse modelo observado. Em cenários onde a morte é silenciada ou evitada, a criança pode ser levada a reprimir seus sentimentos ou até mesmo a "esquecer" o ente querido; em contraste, um ambiente de comunicação aberto e acolhedor promove a expressão emocional e a exploração saudável da experiência de dor.

2.5 LUDOTERAPIA COM CRIANÇAS

A ludoterapia se estabelece como uma intervenção psicoterapêutica fundamentalmente alinhada à linguagem natural e espontânea da criança, o brincar, conforme postulado por Morais (2011). Este método permite que o processo terapêutico se desenvolva primariamente através de ações e expressão simbólica, ao invés de depender majoritariamente da verbalização, possibilitando assim que a criança externalize sentimentos, elabore conflitos internos e ressignifique vivências emocionais complexas. O sucesso dessa abordagem reside na criação de um ambiente terapêutico facilitador, caracterizado pela aceitação incondicional, permissividade, empatia e liberdade de expressão, o que é crucial para o fortalecimento emocional e o desenvolvimento psicossocial saudável do indivíduo.

A prática psicológica sob esta perspectiva específica transcende a mera observação ou a orientação comportamental, ancorando-se na escuta ativa e atenta e na edificação de um vínculo terapêutico marcado pela confiança e liberdade. Conforme elucidado por Morais (2011), o terapeuta assume um papel que vai além de um simples condutor de atividades, engajando-se ativamente no processo de interação, estabelecendo uma conexão autêntica ao participar do brincar com a criança. Este elo facilitador é essencial para estimular a expressão natural da subjetividade infantil, instrumentalizando a reestruturação emocional e o consequente fortalecimento das estratégias internas de enfrentamento da criança.

O papel do psicólogo é portanto redefinido de um agente corretivo para um facilitador do desenvolvimento e da manifestação pessoal da criança. Os objetivos da ludoterapia, conforme ressaltados por Morais (2011), transcendem as expectativas externas de simples correção comportamental, priorizando o auxílio à criança na elaboração do seu sofrimento interno de maneira que respeite seu ritmo singular de expressão. Ao oferecer um espaço simbólico para a vivência emocional, a ludoterapia possibilita que a criança reconstrua sua história emocionalmente significativa e, concomitantemente, desenvolva novos mecanismos de enfrentamento para os desafios cotidianos. Dessa forma, a psicoterapia infantil se estabelece como um processo de compreensão profunda da criança, com ênfase na sua individualidade e no respeito a sua dignidade como participante ativo e central do próprio percurso terapêutico.

A escolha de materiais lúdicos no contexto terapêutico é um ato intencional e adaptado de acordo com a fase de desenvolvimento cognitivo da criança, atuando como um elemento mediador crucial (OLIVEIRA,2020). Este material serve como

uma ponte que conecta o mundo interno, frequentemente desorganizado por eventos como o luto, a realidade externa que necessita ser ressignificada. Em seguida, é apresentado alguns recursos lúdicos utilizados para facilitar a comunicação da criança e apoiar ativamente o processo de elaboração da perda.

[Imagem 1 – Capa do livro "Quando Alguém Muito Especial Morre"]



Fonte: Marge Heegaard, editora Artmed, 1998

O livro "Quando alguém muito especial morre", é reconhecido como um recurso valioso na intervenção com crianças enlutadas, sendo estrategicamente concebido para validar a experiência do luto infantil e a intensidade das emoções inerentes à perda. Através de uma abordagem gentil e direta, este material facilita a capacidade da criança de compreender e nomear seus sentimentos - incluindo tristeza, raiva e culpa - em um contexto livre de ameaças. Sua aplicação na ludoterapia estabelece um canal de comunicação seguro sobre o tema da morte, inibindo a rigidez frequentemente associada à linguagem verbal adulta. Ao interagir com o livro, a criança é estimulada a desenhar e escrever sobre sua vivência, transformando-o em um instrumento ativo de elaboração, onde as memórias do ente querido e as fantasias sobre a morte podem ser internalizadas, processadas e, por fim, integradas ao seu desenvolvimento emocional.

Oliveira (2020), traz que:

“Os instrumentos projetivos, como os desenhos, o procedimento de desenho história, o teste das fábulas, teste dos contos de fadas, permitem aproximar da criança e compreender seu funcionamento psíquico. Eles oferecem estímulos ambíguos ou pouco definidos, desta forma a criança precisa recorrer para diferentes condutas, sejam verbais, gráficas ou lúdicas para dar formato ao sentido emocional a essa característica da realidade que o impulso projetivo representa.”

[Imagem 2 – Capa do livro "vazio"]



Fonte: Anna Llenas, editora salamandra, 2017

O livro "Vazio" (Anna Llenas, 2017) é um poderoso recurso metafórico para a Ludoterapia, especialmente no contexto do luto e da experiência de perda. Didaticamente, o livro é crucial para mostrar à criança a ineficácia das tentativas de supressão da dor, representadas pelas ações de Júlia ao tentar preencher o vazio com objetos ou atividades, o que, ao invés de solucionar, o fazia crescer. Na terapia infantil, ele guia a criança para a introspecção e a autoaceitação, ensinando que a cura não reside em tapar a ausência, mas sim em olhar para dentro (a voz que diz "É dentro de você") e se reconectar com seus recursos internos – sua capacidade de criar, sentir e acessar seus "mundos mágicos" de memórias e imaginação. Assim, o vazio se transforma em um espaço de resiliência e autodescoberta, permitindo que a dor da perda seja integrada e acolhida, mas nunca totalmente apagada, o que confere ao livro uma perspectiva realista e profundamente curativa sobre o processo de luto. Segundo Oliveira et al. (2020), "métodos narrativos infantis, [...] são favoráveis para a manifestação de suas fantasias, simbolização dos sentimentos e a diminuição da tensão conflituosa interna".

A vivência do luto infantil é intrinsecamente dependente do suporte familiar e da qualidade da comunicação estabelecida no ambiente doméstico. O suporte adequado da família não só previne o desenvolvimento de quadros clínicos graves, como a depressão infantil, mas é determinante para um processo de luto considerado saudável como discutido por Reis e Sartori (2024), o psicólogo desempenha um papel essencial ao mediar a tristeza da criança e os obstáculos enfrentados pela família, criando um ambiente terapêutico onde ambos possam receber apoio e orientação.

Neste contexto terapêutico, a família é interpelada a assumir um papel essencial, fundamentado na clareza, simplicidade, amor e afeto. É essencial que o adulto se abstenha de impor ou negar sentimentos a criança, fazendo uso de frases como "não fique triste" ou "seja forte" mas ajustando a informação a sua realidade cognitiva. A comunicação com a criança deve ser honesta, evitando o uso de metáforas ambíguas que possam induzir sentimentos de culpa ou medo, e deve

priorizar a escuta ativa. As indagações da criança devem ser encaradas como uma "janela aberta para a sua alma", constituindo o ponto de partida para a elaboração da perda. A ausência dessa conexão empática pode gerar lacunas no atendimento, visto que as dificuldades da criança na vivência do luto frequentemente refletem e se relacionam com a forma como os adultos circundantes processam tal evento (OLIVEIRA, 2020).

Torna-se essencial uma abordagem psicológica leve em consideração o ambiente afetivo em que a criança está inserida para fornecer um suporte abrangente que culmine na superação conjunta da perda (GOMES 1987, apud REIS & SARTORI, 2024, p.896). Ao analisar esses sinais de comunicação durante as sessões terapêuticas e discuti-los com os responsáveis pela criança, os psicólogos ajudam as famílias a entender melhor o universo emocional dos pequenos. Essa intermediação também fortalece os laços entre a criança e seus cuidadores, tornando possível que o processo de luto seja compartilhado em vez de vivido de forma isolada (BAÚ; ROCHA, 2015). Portanto, o atuar não se resume apenas a uma ação cotidiana; é também um meio de dar significado às coisas que nos rodeiam, fomentando conversas, tornando as emoções mais unidas e reforçando o apoio da família quando enfrentamos uma perda.

O atendimento psicológico a crianças enlutadas exige sensibilidade ética e responsabilidade técnica por parte do profissional. A escuta deve ser conduzida de forma empática, respeitando a fase de desenvolvimento e a individualidade de cada criança. Nesse processo, o psicoterapeuta tem o dever de criar um espaço terapêutico seguro, pautado na confiança, na proteção integral prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) e no compromisso com o bem-estar emocional do paciente.

A Resolução CFP nº 13/2022 estabelece a diretriz de que a prática deve ser sustentada por métodos científicos e arcabouços teóricos consistentes, o que confere à ludoterapia a legitimidade de ser um recurso válido para o enfrentamento de experiências dolorosas. Desse modo, ao empregar técnicas lúdicas, é imprescindível que o psicólogo garanta uma atuação alinhada a valores éticos sólidos, fomentando um ambiente de acolhimento seguro. Tal ambiente é fundamental para permitir que a criança expresse sua dor simbolicamente e, subsequentemente, elabore significados pertinentes à perda vivenciada, consolidando a intervenção dentro dos padrões regulatórios e científicos.

3. METODOLOGIA

A pesquisa será qualitativa, com abordagem exploratória e de natureza bibliográfica, adotando o método de revisão narrativa da literatura. O modelo de revisão adotado tem por objetivo alcançar uma compreensão aprofundada sobre como a ludoterapia pode atuar como estratégia de intervenção no processo de luto infantil.

Não há participantes envolvidos diretamente na pesquisa, pois a coleta de dados é feita a partir de materiais já existentes. Os dados serão coletados por meio de análise de livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos publicados em bases de dados como SciELO, PePSIC, BVS e Google Acadêmico. A análise de conteúdo

será utilizada como método principal para interpretar os dados teóricos selecionados, permitindo identificar contribuições relevantes para a compreensão do luto na segunda e terceira infância e os efeitos terapêuticos do brincar nesse contexto.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico por meio de buscas em bases de dados, utilizando os descritores “luto infantil”, “brincar terapêutico”, e “ludoterapia”. Após a identificação dos materiais, foram aplicados critérios de inclusão, considerando publicações em português, entre os anos de 1981 e 2024, com relevância teórica para o tema proposto. Os textos selecionados passaram por leitura exploratória e, em seguida, leitura analítica, com base no método de análise de conteúdo, buscando identificar categorias temáticas que contribuam para a compreensão do luto na infância e o papel da ludoterapia nesse processo.

A análise de conteúdo será conduzida em três fases, conforme Bardin (2011): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A pré-análise tem por objetivo organizar o material teórico e estabelecer as bases conceituais que sustentarão a subsequente interpretação e discussão dos dados. Os procedimentos iniciais envolvem a leitura flutuante dos textos científicos e artigos selecionados, visando uma familiarização preliminar com o conteúdo.

Em seguida, procede-se à definição das unidades de registro, as quais são trechos significativos que abordam o luto infantil, a aplicação da ludoterapia e os efeitos do brincar na elaboração da perda. A partir desse *corpus*, são formuladas categorias iniciais baseadas nos objetivos da pesquisa, como: vivência do luto na infância, estratégias lúdicas de intervenção e benefícios terapêuticos da ludoterapia. Por fim, realiza-se a seleção final do *corpus* de análise, composto apenas pelos materiais mais relevantes, com a exclusão de publicações repetitivas ou que não atendam aos critérios de profundidade e pertinência temática previamente definidos.

A fase de exploração do material consiste em codificar e categorizar sistematicamente os dados empíricos e conceituais obtidos na revisão bibliográfica. O procedimento de codificação implica a identificação de palavras-chave, expressões e temas recorrentes nos textos analisados - expressão emocional, ritos de despedida, brincar simbólico, acompanhamento terapêutico, posteriormente, a categorização consiste no agrupamento dessas unidades de registro em categorias temáticas, as quais podem ser dedutíveis (previamente estabelecidas pelo referencial teórico) ou indutivas (emergentes do próprio material).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O atendimento de crianças enlutadas não é algo fácil de se realizar, partindo do ponto de entendimento que o luto é uma experiência singular e que sofre influências de inúmeros fatores, tornando-se um processo repleto de significados. A princípio, com base nos documentos analisados, foi possível perceber que a ludoterapia demonstra ser um facilitador essencial para que sentimentos difíceis de verbalizar - como tristeza, raiva, medo, saudade e confusão - sejam elaborados de forma saudável e adaptativa. (REIS; SARTORI, 2024, p.39)

A teoria de Piaget, também se mostrou um forte aliado para reforçar o entendimento de que a forma como a criança vivencia o luto está intimamente ligada ao seu estágio de desenvolvimento cognitivo. O papel do terapeuta é redefinido de um agente corretivo para um mediador ativo, que desempenha um papel proativo ao utilizar técnicas que facilitem a expressão de emoções, lembranças e conseqüentemente de uma nova resignificação da criança. (MARCELINO; BUENO, 2023, p. 2)

Por fim, a ideia arcaica de que não se deve falar sobre a morte com as crianças deve ser desconstruída.. Visto que esse pensamento distancia a criança da realidade e de um ambiente seguro, ao qual ela constantemente precisará para prosseguir o curso normal do seu desenvolvimento.

Assim, compreende-se que :

“Ao longo da vida, o indivíduo passa por diversas situações de perdas, e estas de certa forma, contribuem para a evolução e crescimento do sujeito. As perdas vão desde uma mudança, até uma situação de morte, ou seja, passar pelo processo de luto é inevitável. A morte é um processo natural e irreversível, apesar da compreensão da universalidade do conceito, o tema ainda é considerado tabu. E, quando envolve uma criança, o falar se torna mais desconfortável, o que contribui com os preconceitos estabelecidos de que a criança não compreende ou não sente com a morte de um ente querido. Apesar de não ser da mesma forma que o adulto, a criança compreende e vivencia o sentimento de perda, no entanto, se ela não é estimulada a expressar de forma saudável, o não dito pode surgir em forma de sintomas e adoecimento. A vida também é feita de despedidas e a criança é capaz de entender isso. Quanto mais informações ela receber, menos doloroso será o seu luto.” (OLIVEIRA et al., 2020, p.41123)

Em cenários nos quais a comunicação é honesta e ajustada à realidade cognitiva da criança, o processo de luto é significativamente facilitado. Ao fornecer um espaço seguro e validar as emoções dos seus membros, a família se torna um pilar fundamental para a vivência saudável, prevenindo o desenvolvimento de complicações emocionais e psicológicas na criança. (OLIVEIRA et al., 2020, p.41123)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo bibliográfico permitiu afirmar que a ludoterapia demonstra ser uma ferramenta de intervenção psicologicamente consistente e eticamente fundamentada para a elaboração do luto na infância, alinhada aos requisitos do conselho federal de psicologia. Sua principal contribuição reside na capacidade de transformar o ato de brincar em um espaço simbólico seguro, onde sentimentos complexos podem ser manifestados, processados e integrados de maneira saudável e adaptativa, algo que frequentemente a linguagem verbal não consegue alcançar. Os objetivos da ludoterapia extrapolam a mera correção comportamental, priorizando o auxílio à criança na elaboração do seu sofrimento interno, respeitando o seu ritmo singular e a sua dignidade como protagonista do processo terapêutico.

O aprofundamento sobre a compreensão do papel de mediador do terapeuta e a eficácia das estratégias lúdicas contribui diretamente para o aprimoramento da atuação profissional. Ao validar o sofrimento infantil historicamente negligenciado, este estudo fortalece a adoção de abordagens clínicas mais empáticas e eficazes na psicologia contemporânea. As informações revisadas fornecem aos profissionais subsídios para lidar com as vulnerabilidades emocionais e comportamentais da criança enlutada, prevenindo quadros de luto complicado, transtorno de estresse pós-traumático e depressão. A ênfase na individualidade da criança e no respeito ao seu ritmo singular de expressão consolida a ludoterapia como um processo de compreensão profunda, rompendo com visões antigas que subestimam a capacidade de sentir da infância.

Espera-se que futuras investigações avancem para estudos empíricos e longitudinais que avaliem a eficácia e os resultados da ludoterapia em diferentes contextos socioculturais e familiares, especialmente aqueles marcados por vulnerabilidade ou luto massivo (como o contexto da COVID-19). Seria de grande relevância a realização de pesquisas que detalham as estratégias lúdicas específicas e os materiais mais eficazes para o trabalho entre diferentes faixas etárias da infância. Além disso, aprofundar a investigação sobre a intervenção familiar na ludoterapia e o impacto da mediação do terapeuta na comunicação entre pais e filhos enlutados pode gerar novos *insights* para protocolos de apoio mais abrangentes e sistemáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ariés, P. (1981). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar.

Bardin, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BAÚ, Jordana Mena Barreto; ROCHA, Marilise Vanusa. **A ludoterapia no processo do luto infantil: um estudo de caso**. Pesquisa em Psicologia - anais eletrônicos, [S. l.], 2015. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8555.

BIANCHI, Daniela Pupo Barbosa; KUBLIKOWSKI, Ida; CAMPS, Patrícia Barrachina; FRANCO, Maria Helena Pereira. **Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas**. Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 11, n. 2, p. 152-163, jul./dez. 2019.

BORSTMANN, R. S.; BREUNIG, Y.; MACEDO, M. L. W. S. **Psicoterapia infantil: perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar**. Revista IGT na Rede, v. 15, n. 28, p. 76–95, 2018.

CAMPS, Patricia Barrachina. **Um olhar da Gestalt-terapia para o luto da criança: uma revisão integrativa de literatura**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

HEYWOOD, C. (2004) **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed.

KLINGER, Ellen Fernanda; MIRANDA, Fábio de Jesus; OLIVEIRA, Daniela Ponciano. **O luto na infância: uma revisão sistemática**. *International Journal of Development Research*, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 44957–44962, mar. 2021.

KOVÁCS, M. J. (2005). **Educação para a morte**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(3), 484–497.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). Resolução CFP nº 13, de 15 de junho de 2022: **Dispõe sobre a atuação de psicólogas e psicólogos como psicoterapeutas**. Brasília, DF: CFP, 2022.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. **Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor**. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 24, n. 4, p. 503-511, out./dez. 2007.

HEEGAARD, Marge. **Quando alguém muito especial morre**. Tradução: Magda Francisca Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. Direção de Daniel Lagache. Tradução de Pedro Tamen. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.

LLENAS, Anna. **Vazio**. Tradução: Silvana Tavano. São Paulo: Salamandra, 2017.

MARCELINO, Geisa Cristina Silva; BUENO, Selma de Fátima da Silva. **O luto na infância: conversando com a criança sobre a morte**. *Revista Saberes FAP Pimenta*, v. 1, n. 1, 2023.

MORAIS, Vanessa dos Santos. **Os significados da ludoterapia para as protagonistas do processo**. 2011. 219 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2011

MÜLLER, V. R. (2007). **Histórias de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privativa**. Rio de Janeiro: Vozes.

OLIVEIRA, Dayane Pimentel de et al. **A criança e a morte: um estudo acerca do lúdico no processo de luto infantil**. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 12, n. 10, p. e4403, 2020.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**.** 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

PEREIRA, D. A. P., & AMARAL, V. L. A. Raposo do. 2004. **Escala de avaliação de depressão para crianças: um estudo de validação**. *Estudos de Psicologia*, 211: 5-23. RAMOS, F.P. (2007). **A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI**. In M. Del Priori (Org.), *História das crianças no Brasil* (pp. 19-54), São Paulo: Contexto.

REIS, Simone dos; SARTORI, Cássia Maria Tasca. **Luto infantil: o papel vital da psicologia e da família no enfrentamento.** *Cadernos de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 6, n. 10, p. 887–902, jan./jun. 2024.

Rossi, E. S. F., & Fernandes, L. G. (2025). **Elaborações e empecilhos do luto na infância: estudo de produções textuais psicanalíticas entre 2020 e 2024.** *Analytica: Revista De Psicanálise*, 14(28).

Silva Santos, J. da, & Pinto Soares, A. C. (2022). **TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ABORDAGEM DO LUTO INFANTIL .** *Ensaio USF*, 5(2).

SOARES, E. G. B. S., & MAUTONI, M. A. de A. G. 2013. **Conversando sobre o luto.** São Paulo: Ágora.

SOUZA, C. P. de; SOUZA, A. M. de. **Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, p. e35412, 2019.

SPUIJ M, Reitz E, PRINZIE P, STIKKELBROEK Y, de ROOS C, BOELEN PA. **Distinctiveness of symptoms of prolonged grief, depression, and**

post-traumatic stress in bereaved children and adolescents. *Eur Child Adolesc Psychiatry*. 2012 Dec;21(12):673-9. Epub 2012 Jul 12.

STIKKELBROEK Y, BODDEN DHM, KLEINJAN M, REIJNDERS M, VAN BAAR AL (2016) **Adolescent Depression and Negative Life Events, the Mediating Role of Cognitive Emotion Regulation.** *PLoS ONE* 11 (8): e0161062. doi:10.1371/journal.pone.0161062

SZWARCWALD, CL, BOCCOLINI, CS, da Silva de Almeida, W. *et al.* **Mortalidade por COVID-19 no Brasil, 2020-21: consequências do manejo inadequado da pandemia.** *Arch Public Health* 80 , 255 (2022).

WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Monica (Org.). **Morte na família: sobrevivendo às perdas.** Tradução: Vera Regina Silveira. Porto Alegre: Artmed, 1998.